

O Rio lusófono de Machado de Assis - Análise da personagem Marcela das Memórias Póstumas de Brás Cubas¹

Rodrigo Camargo de Godoi

Graduando em História

FESB - Fundação de Ensino Superior de Bragança Paulista – SP

rodrigocamargo21@hotmail.com

Resumo

Este artigo busca identificar na fonte literária as hostilidades ao imigrante português no Rio de Janeiro do século XIX, retratados por Machado de Assis nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas* através da personagem Marcela.

Abstract

This article searches to identify into the literary font the hostility against Portuguese immigrants in the Rio de Janeiro of XIX century, retracted by Machado de Assis in his *Memórias Póstumas de Brás Cubas* through the character Marcela.

1.

O poeta chileno Pablo Neruda denunciava em sua *Oda a la critica* que muitos estudiosos “*enreados en la frente de Marx*”² e que ainda por cima “*pataleaban em su barba*”³ avançavam vorazes sobre sua poesia. De forma semelhante a história social avança sobre a literatura, pois esta, depois de despida de seus valores estéticos e tomada como testemunho histórico, transforma-se em documento passível de análise. *Pataleamos* nas barbas de Marx porque munidos das ferramentas oferecidas pela concepção materialista da história nos debruçamos sobre a obra literária buscando a lógica social intrínseca ao texto⁴. Na perspectiva da história social sabemos que tanto o autor como sua obra são historicamente condicionados, ou seja, podemos situá-los em um processo histórico determinado que, por sua vez, legitima suas características documentais. Acreditamos que através de tal análise conseguimos desvendar mecanismos sutis de funcionamento da sociedade em cuja obra foi produzida. A

¹ Este exercício argumentativo nasceu de um *insight*, em uma aula de História do Brasil Império sobre Literatura e Literatos no século XIX. Agradecemos ao professor Artur José Renda Vitorino o fundamental incentivo.

² Enredados à frente de Marx.

³ Esperneavam em sua barba.

⁴ CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org). **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 8.

análise da obra literária nos permite trazer à luz questões até então ignoradas, ou mesmo iluminar, por outros ângulos, problemáticas já pesquisadas.

Esta breve exposição de cunho metodológico nos introduz a mais um estudo sobre o inesgotável manancial que representa a obra de Machado de Assis, e especificamente neste caso suas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Sabemos que a força do romance machadiano, enquanto fonte histórica, reside justamente no fato de o autor ter construído seus romances sobre planos históricos muito bem observados e minuciosamente retratados. Há em Machado, mais que em qualquer outro literato, a intenção latente de desnudar por meio de alegorias geniais os mecanismos de funcionamento da sociedade do Rio de Janeiro do século XIX, sociedade marcada por profundas incoerências, a exemplo do liberalismo-escravista então corrente.

John Gledson aponta o sentido histórico das obras de Machado de Assis da fase madura, ou Segunda Fase⁵; para o crítico, as obras produzidas nesse período se ocupam em contar a história do Brasil do século XIX⁶. Sidney Chalhoub, por sua vez, recua neste aspecto; para o historiador já encontramos em obras anteriores ao Realismo, como em *Iaiá Garcia* de 1878, um Machado de Assis historiador⁷. Partindo do pressuposto apresentado por Gledson, em que nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas* Machado se ocupa em retratar a história do Rio de Janeiro entre os anos de 1805 e 1869, nos deteremos sobre a hostilidade contra imigrantes lusitanos, e como tal fenômeno social e cultural foi observado e representado por Machado de Assis através da personagem Marcela, primeira paixão do protagonista Brás Cubas. Marcela seria a alegoria machadiana para representar a hostilidade contra o imigrante luso que, como veremos, transformou a composição demográfica do Rio de Janeiro após a extinção do tráfico negreiro em 1850.

2.

⁵ Considera-se como segunda ou, como prefere John Gledson, fase madura a que se inicia a partir de fins da década de 1870. Nesta fase Machado de Assis rompe definitivamente com o Romantismo e adere ao Realismo. São deste período obras primas como *Dom Casmurro* (1889) e o livro objeto desta análise, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880). “(...) a grande mudança, nos fins da década de 1870, do Machado competente para o Machado genial”. GLEDSON, 2003, p. 294.

⁶ Lista-se abaixo o panorama proposto por Gledson onde se “delineia uma relação estreita entre a obra madura de Machado e a história brasileira do século XIX”: GLEDSON, 2003, p. 293.

Memórias Póstumas de Brás Cubas (1880) 1805-69 (com ênfase nas décadas de 1840-50).

Quincas Borba (1886-91) 1867-71.

Esaú e Jacó (1904) 1871-94.

Casa Velha (1885) 1839 (1857).

Dom Casmurro (1889) 1871- (1899)

Memorial de Aires (1908) 1888-89.

⁷ CHALHOUB, 1988, p. 104.

Não poderíamos julgar amistosas as relações entre portugueses e brasileiros durante grande parte do século XIX. Os conflitos que marcaram os meses que antecederam a abdicação de D. Pedro I indispuseram lusitanos e brasileiros, transformando as ruas do Rio de Janeiro em verdadeiro campo de batalha. Os portugueses partidários de D. Pedro I enfrentaram a garrafadas – literalmente – os brasileiros que, por seu lado, consideravam gravíssimas afrontas os privilégios que gozavam os patricios do imperador⁸. A partir de 1850, após o fim do tráfico negreiro, observamos uma mudança substancial na composição demográfica da corte. Entre os anos de 1850 e 1870, como atesta Artur Vitorino, “a cidade do Rio de Janeiro praticamente não teve mudanças no número de seus habitantes, mas a composição social foi radicalmente alterada. Com o fim do tráfico negreiro, o cativo vindo da África, que compunha com o crioulo nascido no Brasil quase a metade da população carioca, foi substituído por homens livres – sobretudo proletários portugueses⁹”. Como consequência deste aumento da população lusitana, aumenta-se também a hostilidade popular contra estes imigrantes – muitos em regime de servidão, os chamados engajados¹⁰ – bem como a preocupação das elites intelectualizadas com a significativa presença portuguesa.

Para ilustrar tal movimento nos remetemos a José Silvestre Rebello, então presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que teve aprovada em 13 de março de 1841 a pesquisa histórica que sugerira sob o título de “A que classes da sociedade pertencia, e geralmente falando, o maior número dos primeiros povoadores portugueses no Brasil?”¹¹. Tal tese nos dá indicações da proporção da inquietação que envolvia tal política de imigração entre a elite letrada do império, tendo em vista suas consequências culturais e sociais. Outro exemplo desses sentimentos antilusitanos entre a elite intelectual do período nos foi legado pelo médico João Vicente Torres Homem, em sua tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1865¹². Em um trecho marcadamente xenófobo, o esculápio se ocupa em explicar as razões das altas taxas de mortalidade por febre amarela, entre os imigrantes portugueses. Como sabemos por intermédio de Chalhoub, a febre amarela selecionava suas vítimas preferenciais entre a população estrangeira residente ou de passagem pelo Rio de

⁸ SOUZA, 1999, p. 337-350.

⁹ VITORINO, 2002, p. 93.

¹⁰ “Por sua vez, o fluxo migratório de proletários portugueses para o Brasil, gerado pelo próprio sistema escravista, suscitou reações de ambos os lados. Os portugueses residentes no Rio de Janeiro protestavam contra o governo e autoridades portuguesas instaladas no Brasil, que fechavam os olhos para a situação, visto que os engajados estavam sendo tratados como escravos”. VITORINO, 1999, p. 103. **Grifo meu.**

¹¹ “59ª Sessão em 13 de março de 1841”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, T.3, 1841, p. 140-141. (cit. p. 141.). Citado em VITORINO, 1999, p. 105.

¹² João Vicente TORRES HOMEM. **Do aclimatamento**. Rio de Janeiro, Typographia Thevenet & Cia., 1865. Documento citado em CHALHOUB, 1996, p. 90.

Janeiro¹³. A manutenção desse quadro comprometia seriamente o projeto de imigração européia iniciada pelo Império. Temia-se que a repercussão negativa causada pelas condições a que os imigrantes eram expostos – conseqüentemente a doenças como a febre amarela – vinculasse a capital do Império a um matadouro de gente branca¹⁴. Tentando justamente refutar este argumento, perigosíssimo aos projetos de embranquecimento da população, Torres Homem literalmente arremessa a culpa às mãos dos próprios imigrantes portugueses atribuindo a seu caráter extremamente avaro a causa do grande número de doentes entre os membros desta comunidade:

[...] os portugueses de baixa classe, que aqui chegam aos milhares no último grau de miséria, morrem em grande quantidade, ou vítimas de infecções paulosas graves contraídas nas localidades por onde passa a estrada de ferro de Pedro Segundo, pontos em que trabalham muitos dentre eles, ou então em conseqüência de moléstias agudas e crônicas dos aparelhos respiratórios e digestivo, devido à falta absoluta de cuidados higiênicos. Alguns privam-se destes cuidados por que a isso os força o minguado salário que ganham; outros porém só por espírito de ganância. Na prática sonharam com uma fortuna colossal adquirida no Brasil e lá usufruída; embalados por tão risonhas esperanças chegam ao porto almejado cobertos de andrajos, extenuados de fome, e representando o painel da mais asquerosa imundícia; ao primeiro convite atiram-se a qualquer trabalho logo no dia seguinte; só descansam algumas horas da noite; nunca abandonando a idéia fixa que obrigou-os a emigrarem, acumulam quase todo o dinheiro que recebem: para isso não se poupam a sacrificio algum; quando caem em doentes, ainda trabalham durante ao período prodrômico das moléstias. Vencidos pela dor e pelo sofrimento, ao mesmo tempo que gemem, lastimam-se por lhes falharem os planos de riqueza; e apenas melhoram, querem logo sair do hospital para de novo entregarem-se à suas ocupações, ainda fracos, no começo da convalescença.¹⁵

Como podemos observar, a ganância e avareza que movia grande parte dos imigrantes portugueses também, segundo Torres Homem, os colocavam em risco. A moléstia, tida como punição, agiria como um freio à ambição dos portugueses, que “sonharam com uma fortuna colossal adquirida no Brasil e lá [em Portugal] usufruída”. Espoliar talvez seja a palavra escusada pelo médico. Enfim, não havia como Torres Homem se responsabilizar por indivíduos que faziam ouvidos surdos a suas sábias prescrições e se atiravam mesmo convalescidos ao trabalho árduo.

Certo, pelo que nos mostram as fontes, é que o aumento do número da população portuguesa fazia aumentar proporcionalmente o que chamamos de lusofobia. É neste contexto marcado pela hostilidade diante do imigrante luso, que acreditamos resultar de uma espécie de afronta ao recém-nascido sentimento de nacionalidade, que podemos caracterizar a personagem Marcela como alegoria machadiana para ilustrar tais sentimentos antilusitanos.

¹³CHALHOUB, 1996, p. 77.

¹⁴CHALHOUB, 1996, p. 90.

¹⁵Apud CHALHOUB, 1996, p. 90-91.

3.

Roberto Schwarz dispensa um exame apurado da personagem, a exemplo das análises extremamente densas elaboradas sobre as demais personagens femininas do romance – Eugênia, Virgília e D. Plácida¹⁶. Faccioli, por sua vez, chega a questionar a nacionalidade de Marcela, perguntando-nos se em vez de espanhola ela não seria de fato portuguesa. Marcela seria apenas tomada como espanhola por mais um capricho do defunto autor¹⁷. Além desta conjectura, Faccioli coloca-a cuidadosamente ao lado das demais personagens femininas que compõem o núcleo pobre e livre da obra, mas sua análise se ocupa exclusivamente do personagem Brás, tomando-a apenas como extensão do protagonista.

É em Jefferson Cano que encontramos subsídios que reforçam nosso argumento. Cano em seu artigo “*Machado de Assis, historiador*”¹⁸ nos mostra como “não era estranho a nenhum literato oitocentista a comparação da “vida” da nação à dos indivíduos, seu nascimento, infância, doença e degenerescência¹⁹”, deste modo “a associação entre Brás/Brasil sugerida por Gledson, aceita por Chalhoub e levada adiante por Schwartz”, pode se estender à nossa heroína. Se Brás é o Brasil, Marcela seria, conforme nos evidencia sua estrutura, Portugal. Ainda nos amparando no estudo empreendido por Cano, devemos considerar a alegoria como chave para interpretação da personagem, e quando o historiador questiona sobre a dimensão política da alegoria em o todo enredo do romance²⁰, devemos também verificar a complexidade política existente em Marcela.

Antes de partirmos para a análise da obra, nos ocupemos por alguns momentos em vasculhar na biblioteca de Machado de Assis vestígios que colaborem em nossa pequena tese. Sabemos mediante os inventários realizados sobre o que restou da biblioteca de Machado de Assis – por Jean-Michel Massa, publicado em 1961, e mais recentemente pela professora Glória Vianna²¹ - que entre os aproximadamente 730 volumes²² encontram-se muitos livros de história, portanto “o assunto era de grande interesse do autor²³”. No grupo dos historiadores oitocentistas encontra-se a *Historia de Portugal*, de Alexandre Herculano²⁴, cuja leitura poderia ter sido utilizada, juntamente com as obras de história do Brasil, na

¹⁶ SCHWARZ, 2000.

¹⁷ FACIOLLI, 2002, p. 139-140.

¹⁸ CANO, 1998.

¹⁹ CANO, 1998, p. 39-40.

²⁰ CANO, 1998, p. 38-39.

²¹ MASSA, 2001.

²² JOBIM, 2001, p.12.

²³ GLEDSON, 2003, p. 298.

²⁴ MASSA, 2001, p. 47.

composição da personagem que analisamos. Entretanto, como nos denuncia o título da obra, *A história de Portugal desde o começo da monarchia até o fim do reinado de Affonso III*, não poderíamos encontrar subsídios suficientes e conseqüentemente afastar esta hipótese. Affonso III, o conquistador do Algarve, reinara entre 1248 a 1279, o que nos leva a concluir que o historiador luso se ocupa de uma periodização em que o além-mar ainda não se encontrava nos planos da então jovem nação²⁵. Mas entre as obras de história do Brasil da biblioteca de Machado figura principalmente a *História do Brasil*, de Robert Southey, além de cerca de quarenta volumes da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o IHGB.

Gledson interpreta esta particularidade da biblioteca de Machado, ou seja, o fato de encontrarmos uma quantidade relativamente pequena de livros de História do Brasil e muitas revistas do IHGB, atribuindo ao autor uma preferência “por obras mais curtas, impressionistas, e até anedóticas²⁶”. Daí não encontrarmos em sua biblioteca nomes consagrados da historiografia brasileira, ou sobre o Brasil, do século XIX, como Varnhagen e Capistrano de Abreu, com quem Machado mantivera correspondência. Vejamos o que poderemos encontrar nos seis volumes traduzidos em 1867²⁷, da *History of Brazil*, de Robert Southey, editados entre 1810 e 1819. O historiador e “poeta romântico marginalizado²⁸” inglês, como nos mostra Maria Odila da Silva Dias, possuía uma concepção muito particular sobre Portugal, e que muito se aproxima da forma como Machado metaforicamente o representa nas *Memórias*, isto é, através de uma cortês:

Quando estive de passagem em Portugal em 1796 e quando ali residiu em 1800 e 1801 foi sob este prisma [da afirmação do poder inglês], mais os preconceitos culturais característicos da ilustração, que Southey encarou a sociedade portuguesa. Da sua correspondência particular, dos artigos que escreveu para periódicos ingleses e do diário que mantinha, assomam sob mil formas o seu preconceito contra o fanatismo católico supersticioso, o clero atrasado, a monarquia absolutista decadente, a que se acrescentaria uma repugnância quase física pelo mau cheiro, pela sujeira e pelo desmazelo dos portugueses.²⁹

As estreitas relações estabelecidas entre Machado de Assis e a história são comprovadas por Jefferson Cano. Quando este se ocupa em analisar a correspondência do autor com Capistrano de Abreu, identifica em Machado certo *affair* com um “sentido histórico e político da literatura³⁰”. Nesta perspectiva, afirma Cano que, “ao escrever as

²⁵ Enciclopédia BASE, 1994, p. 2777.

²⁶ GLEDSON, p. 304.

²⁷ IGLESIAS, 2000, p. 50.

²⁸ DIAS, 1974, p. 3.

²⁹ DIAS, 1974, p. 175-176.

³⁰ CANO, 1998, p. 37.

Memórias Póstumas, Machado poderia ter de fato construído uma alegoria que não simplesmente apresentava uma história do Brasil (Brás), ou de uma representação do Brasil a partir de um olhar particular das classes proprietárias, mas ainda dialogava com toda uma produção historiográfica já estabelecida e com a qual Machado devia estar familiarizado³¹. Acreditamos poder inserir Robert Southey, e sua História do Brasil, entre a produção historiográfica com a qual Machado devia estar familiarizado. Para pontuarmos a possível influência de Southey na obra de Machado, acrescentemos as considerações de Francisco Iglesias sobre a obra do historiador inglês antes de retomarmos nossa análise:

Curiosamente, amou o Brasil, prevendo sua emancipação de Portugal, pois a Colônia era mais rica e dotada, não podia ficar presa a Metrôpole frágil e desgastada. Fazia sérias reservas à colonização portuguesa, apontando-lhe defeitos. Denunciou o péssimo estado da Colônia, em regime de miséria, fome, doenças. O escravo contribuía para piorar o quadro, impedindo o trabalho, melhor, de outros elementos. Compreendeu bem a paisagem e o homem, percebeu o processo de revelação e ocupação do território. O privatismo da sociedade levava só à busca do lucro, gerando faltas de todo tipo. Destaca o fortalecimento do Estado desde o começo do século XVIII, com as minas de ouro. Pombal dará passo mais firme nesse sentido. A presença inglesa parecia-lhe a favorável do país, vendo o caso do ângulo de sua pátria. Em narrativa minuciosa até demais, descreveu a trajetória brasileira em múltiplos aspectos, com a apreensão de seu sentido e inegável simpatia pelos nativos. Pela formação pessoal, repugnava-lhe a prática espoliativa, desejoso de ver no colonizador o aspecto natural do civilizador, não a espoliação ou o comércio que encontra. Romântico, de corte tradicionalista, preferia ver aqui traços não encontráveis. Nota barbaridade nas práticas indígenas. Tem entusiasmo pelos esforços jesuítas, apesar da perspectiva protestante, condenadora dos católicos.³²

Podemos, por meio das considerações de Iglesias, observar que Southey sublinhou em sua obra aspectos que facilitariam uma percepção negativa da colonização portuguesa. Portugal é retratado pelo historiador inglês como uma nação inferior a sua colônia e que jamais, em virtude de sua fragilidade, cumpria a nobre função de provedora da civilização. Acrescenta-se a essa imagem o caráter extremamente espoliativo da colonização portuguesa. Varnhagen, ao contrário, produziu uma história que não privava reverências à colonização lusa; preocupando-se em engrandecer os feitos metropolitanos em detrimento da colônia³³. Mas, ao que indica o exame realizado nos inventários de sua biblioteca, Machado não era muito afeito ao ideário do historiador oficial do Império. Muito pelo contrário, a concepção histórica que o autor imprimiu em suas obras caminha paralelamente a concepção apresentada por Robert Southey. A mesma prática espoliativa por parte de Portugal, que o historiador inglês reconhecia e denunciava em sua obra, é identificada também na relação entre Brás e

³¹ CANO, 1998, p. 40.

³² IGLESIAS, 2000, p. 49.

³³ IGLESIAS, 2000, p. 85.

Marcela. Por hora concluímos a participação do poeta e historiador inglês e nos concentremos na personagem.

4.

Encontramo-la pela primeira vez nas Memórias no capítulo XIV, intitulado *O primeiro beijo*. Notemos como o narrador reluta em nos relatar quem fora a dama que o cativara, talvez acometido por certo pudor, mas seu compromisso em “dizer tudo ou nada”, o faz vencer seus escrúpulos – se é que de fato Brás os tinha:

Sim, eu era esse garção bonito, airoso, abastado; e facilmente se imagina que mais de uma dama inclinou diante de mim a fronte pensativa, ou levantou para mim os olhos cobiçosos. De todas porém a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se diga; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo. Mas vá lá; ou se há de dizer tudo ou nada. A que me cativou foi uma dama espanhola, Marcela, a “linda Marcela”, como chamavam os rapazes do tempo. E tinham razão os rapazes.³⁴

Atentemos para o emprego do termo “cativar”, termo que ao mesmo tempo em que exprime o sentido de atração e sedução, exprime também o sentido de escravidão e subjugação. Brás, então jovem, rico e belo, estava cativo pela não menos bela Marcela. Ainda no mesmo parágrafo Brás Cubas escusando maiores apresentações vai logo nos revelando a verdadeira origem da cortesã:

Era filha de um hortelão das Astúrias; disse-mo ela mesma, num dia de sinceridade, porque a opinião aceita é que nascera de um letrado de Madri, vítima da invasão francesa, ferido, encarcerado, e espingardeado, quando ela tinha apenas doze anos.³⁵

Tropeçamos neste trecho na velha e cara questão das origens. Escamotear suas verdadeiras origens parece fundamental tanto a Brás como a Marcela. O primeiro tem plena consciência de sua genealogia fictícia:

O fundador de minha família foi um certo Damião Cubas, que floresceu na primeira metade do século XVIII. Era tanoeiro de ofício, natural do Rio de Janeiro, onde teria morrido na penúria e na obscuridade, se somente exercesse a tanoaria. Mas não; fez-se lavrador, plantou, colheu, permutou o seu produto por boas e honradas patacas, até que morreu, deixando grosso cabedal a um filho, o licenciado Luís Cubas. Neste rapaz é que verdadeiramente começa a serie de meus avós – dos avós que a minha família sempre confessou – porque o Damião Cubas era afinal um tanoeiro, e talvez um mau tanoeiro, ao passo que Luiz Cubas

³⁴ ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Égeria, 1978. p. 49.

³⁵ *MPBC*, p. 49.

estudou em Coimbra, primou no Estado, e foi um dos amigos particulares do vice-rei conde da Cunha.³⁶

Como podemos observar, tanto Brás como Marcela possuem duas origens. Hortelão e tanoeiro são expressamente substituídos por licenciados e letrados. Jefferson Cano interpreta este traço do romance como aproximação entre marco de fundação histórica e falsificação. Marcela, ao construir seu marco de fundação associa Napoleão como o grande causador de seus males. A figura do imperador francês aparece em três episódios no romance: a primeira, quando do nascimento do narrador, justamente quando Napoleão se encontrava no auge de seu poder, e a segunda e terceira menção estão ligadas à Marcela. A invasão do Reino Português por Junot, general de Napoleão, desencadeia o processo, que se inicia com a fuga da família real para o Brasil, e que culmina com a Independência em 1822 – interpretação esta originária no IHGB, e posteriormente absorvida pela historiografia. Justamente em 1822, durante as comemorações da independência, Brás vê Marcela pela primeira vez:

Vi-a, pela primeira vez, no Rocio Grande, na noite das luminárias logo que constou a declaração da Independência, uma festa de primavera, uma amanhecer da alma pública. Éramos dous rapazes, o povo e eu; vínhamos da infância, com todos os arrebatamentos da juventude. Vi-a, sair de uma cadeirinha airosa e vistosa, num corpo esbelto, ondulado, um desgarre, alguma cousa que nunca achara nas mulheres puras.³⁷

Seria amor à primeira vista? – talvez, se nos fosse possível confiar plenamente em Brás Cubas.

5.

Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo, teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi mais curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir comigo o governo de Roma; mas, quando a credulidade não pôde resistir a evidência o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana.³⁸

Como podemos constatar no trecho acima, é certa a alusão a Suetônio ou Plutarco. Os historiadores clássicos são muito caros a Machado, pois através deles, como demonstra John Gledson, o autor conseguia “jogar uma luz irônica sobre os acontecimentos³⁹”. Atentemos um pouco para Xavier, “sujeito abastado e tísico” que, “com todos os seus tubérculos, presidia” além dos banquetes o coração da bela Marcela, quando Brás a conheceu. Não seria Xavier a

³⁶ *MPBC*, p. 27-28.

³⁷ *MPBC*, p. 50.

³⁸ *MPBC*, p. 51.

³⁹ *MPBC*, p. 298.

alegoria machadiana para representar as demais possessões do império português, que são abandonadas após o início da colonização do Brasil?

No início do capítulo XVII, *Do trapézio e outras cousas*, encontramos sintetizada na primeira frase empregada pelo autor, “... Macela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis, nada mais (...)”⁴⁰, todo o sentido da colonização portuguesa que ele absorvera. A expressão carregada de significados remete certamente aos anos de colonização lusa; os quinze meses fazem menção aos trezentos anos da colonização e os onze contos citados aludem ao espólio realizado pela ex-metrópole.

Era meu universo; mais, ai triste! Não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. Primeiro explorei as larguezas de meu pai; ele dava-me tudo o que eu lhe pedia, sem repreensão, sem demora, sem frieza; dizia a todos que eu era rapaz e que ele o fora também. Mas a tal extremo chegou ao abuso, que ele restringiu um pouco as franquezas, depois mais, depois mais. Então recorri a minha mãe, e induzi-a a desviar alguma cousa, que me dava às escondidas. Era pouco; lancei mão de um recurso último; entrei a sacar sobre a herança de meu pai, a assinar obrigações, que devia resgatar um dia com usura.⁴¹

O fim se principia quando o pai de Brás dá conta dos onze contos despendidos na aventura:

Meu pai logo que teve aragem dos onze contos, sobressaltou-se deveras; achou que o caso excedia as raias de um capricho.⁴²

Já tendo resgatado os títulos das dívidas contraídas pelo filho durante seus quinze meses de envolvimento com a cortesã, o pai de Brás decide então enviá-lo para a Europa onde deveria ingressar na universidade, provavelmente em Coimbra. Brás acata a decisão paterna, com a ressalva de que levaria consigo sua grande paixão. Mas, ao contrário do que esperava, Marcela o surpreende primeiramente com a negativa em acompanhá-lo. Então o astuto Brás e seu trapézio engendram uma infalível idéia:

Ah! trapézio dos meus pecados, trapézio das concepções abstrusas! A idéia salvadora trabalhou nele, como a do emplasto (capítulo II). Era nada menos que fasciná-la muito, deslumbrá-la, arrastá-la; lembrou-me pedir-lhe por um meio mais concreto do que a súplica. Não medi as conseqüências recorri a um derradeiro empréstimo; diamantes grandes, encastoados num pente de marfim; corri a casa de Marcela.⁴³

⁴⁰ *MPBC*, p. 53.

⁴¹ *MPBC*, p. 51.

⁴² *MPBC*, p. 54.

⁴³ *MPBC*, p. 55.

O trapézio o salvara. A jóia fez com que Marcela afastasse as más lembranças causadas pela associação entre a Europa e Napoleão e aceitasse o convite, agora mais que nunca irrecusável. Podre apaixonado Brás Cubas não imaginava que algo de terrível o aguardava:

Com efeito, olhando para a porta, vi na calçada três dos correios, um de batina outro de libré, outro à paisana, os quais todos três entraram no corredor, tomaram-me pelos braços, meteram-me numa sege, meu pai à direita, meu tio cônego a esquerda, o de libré na boléia, e lá me levaram a casa do intendente de polícia, donde fui transportado a uma galera que devia seguir para Lisboa. Imaginem se resisti; mas toda resistência era inútil.⁴⁴

Observemos as personagens que atuam no desfecho do romance de Brás Cubas e Marcela: o senhor Cubas, o tio cônego e o *outro de libré*. Três figuras emblemáticas atuam no desenlace entre a cortesã e o protagonista. A separação de Brás e Marcela ou, como pontuamos, entre Brasil e Portugal, é realizada por um indivíduo da classe senhorial, representado pelo pai do desafortunado Brás Cubas, por um membro do Clero, o tio cônego, e por um membro das classes populares que, por sua vez traja libré, o que indica que é certamente um criado a serviço do senhor Cubas. Não há como sabermos se se trata de um criado ou de um escravo, mas seguramente trata-se de um membro das camadas populares. Esta tríade – classe senhorial, clero e classe popular – pode guardar a chave da compreensão histórico-machadiana da Independência do Brasil. Expliquemo-nos.

Para Machado de Assis, segundo nos afigura a alegoria da separação entre Brás e Marcela, a Independência do Brasil foi resultado de um processo semelhante, ou seja, primeiro temos uma classe senhorial, que espoliada pela metrópole, assim como o pai de Brás por Marcela, decide, apoiada pelo clero, personificado pelo tio cônego de Brás, fazer romper à força as relações entre Portugal e Brasil. Ao povo, como podemos observar por intermédio do *outro de libré*, relegou-se o papel de serviçal da classe senhorial; não mero expectador, entenda-se, visto que de certa forma atua nos acontecimentos. Como sublinhamos, o autor apenas o identifica como “o outro de libré”, que auxilia a classe senhorial, após tomar o Brasil pelos braços, a afastá-lo definitivamente de Portugal. O acelerado processo de separação é resultado primeiramente da ação da classe senhorial economicamente ameaçada. A situação toma sérios contornos, exigindo rápida e eficiente intervenção, visto que começava a doar-lhe os bolsos.

⁴⁴ *MPBC*, p. 57.

6.

Brás Cubas continua suas peripécias, moldando em cada capítulo que se segue seu caráter expressivamente volúvel. Retorna ao Rio de Janeiro após bacharelar-se parcamente em Coimbra. Conhece e enamora-se por Virgília, a mulher que o acompanhará até o leito de morte. E eis que a esquecida Marcela ressurge de forma inusitada na trama das *Memórias*.

Ao fundo, por trás do balcão, estava sentada uma mulher, cujo rosto amarelo e bexiguento não se destacava logo, à primeira vista, mas logo que se destacava era um espetáculo curioso. Não podia ter sido feia; ao contrário via-se que fora bonita, e não pouco bonita; mas a doença e uma velhice precoce, destruíram-lhe a flor das graças. As bexigas tinham sido terríveis; os sinais, grandes e muitos, faziam saliências e encarnas, declives e aclives, e davam um sensação de lixa grossa, enormemente grossa. Eram os olhos a melhor parte do vulto, e aliás tinham uma expressão singular e repugnante, que mudou entretanto, logo que eu comecei a falar. Quanto ao cabelo, estava russo e quase tão poento como os portais da loja. Num dos dedos da mão esquerda fulgia-lhes um diamante. Crê-lo-eis, pósteros? Essa mulher era Marcela.⁴⁵

Eis Portugal, o reino cadavérico, oportunidade ímpar para Brás exercitar o seu sadismo. Marcela, a bela Marcela, decaíra terrivelmente, o que, segundo denuncia o trecho acima, causava certo deleite em Brás Cubas. Ao reconhecer o antigo amor, a decrépita Marcela fez por esconder-se, acometida pelos resquícios de vaidade que ainda guardava dentro de si; logo, porém, se refaz e tece um longo relato a Brás de suas desventuras consecutivas, dos amores à varíola. Não nos surpreende o fato de Machado de Assis ter encerrado Marcela em uma loja. O mercado varejista na capital do império apresentava-se controlado principalmente por portugueses. Ao nos depararmos com uma Marcela marcada pela varíola e reclusa atrás de um balcão oferecendo seus produtos ao atônito Brás Cubas, nos remetemos aos argumentos apresentados anteriormente pelo médico Torres Homem. Marcela se figura como caricatura do imigrante lusitano: doente e extremamente avaro de lucros.

A alegoria que atribuímos a Marcela ganha certa complexidade a partir de então. Não mais a ex-cortesã se remete somente a Portugal, mas a toda a classe dos imigrantes portugueses que inundaram a cidade do Rio de Janeiro a partir de meados do século XIX. Assim como Brás Cubas não somente se remete ao Brasil, mas também a toda a classe senhorial brasileira do período, conforme nos demonstra Sidney Chalhoub⁴⁶. Observemos como Brás nos aponta este sentido:

⁴⁵ *MPBC*, p. 82.

⁴⁶ CHALHOUB, 1998, p. 110.

Disse ela então que desejava ter a proteção dos conhecidos de outro tempo; ponderou que mais tarde ou mais cedo era natural que me casasse, e afinçou que me daria finas jóias por preços baratos. Não disse preços baratos, mas usou um metáfora delicada e transparente. Entrei a desconfiar que não padecera nenhum desastre (salvo a moléstia), que tinha o dinheiro a bom recado, e que negociava com o único fim de acudir a paixão do lucro, que era o verme roedor daquela existência; foi isso mesmo que dissera depois.⁴⁷

Ah, portugueses avarentos, fazem corar até o mais casto dos narradores. Eis que entra na cena final, enquanto Brás medita sobre o caráter de Marcela – que finalmente, após tanto tempo, é desmascarada – a doce Maricota, filha de um relojoeiro vizinho, que todas as noites reza um padre-nosso e uma ave-maria a sua amada Santa Macela, em vez de oferecê-los a Nossa Senhora. Marcela, ao que parece, encontrou sua redenção na história. Interessante salientarmos que o episódio do reencontro entre Brás e Marcela é demarcado por uma idéia de temporalidade representada alegoricamente pelo relógio de Brás que, depois de quebrado o vidro, faz com que ele entre na primeira loja que aviste e reencontre uma Marcela “reeditada”. E assim que o moleque retorna com seu relógio – visto que Marcela não possuía uma relojoaria, e sim uma ourivesaria, o que faz com que ela solicitamente envie o moleque a outro estabelecimento para que se realizem os reparos necessários, enquanto passa a ter com o apoquentado Brás Cubas –, o protagonista se apressa em sair do fétido estabelecimento. É finda a participação de nosso objeto nas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Importante retornarmos ao que havíamos abandonado acima, antes dos devaneios sobre o tempo, isto é, ao papel da história redentora de Marcela, que de cortesã passa a santa, objeto de preces de uma ingênua garotinha. “Viva pois a História, volúvel História que dá para tudo⁴⁸”. Dá até para santificar pecadoras, transformar tanoeiros em letrados e hortelões em advogados. “Deixemos a História com seus caprichos de dama elegante⁴⁹.”

7.

De fato o antes faustoso império lusitano experimentava considerável declínio após a independência de sua maior possessão d’além-mar. A independência do Brasil talvez tenha sido o golpe final de um processo de decadência iniciado com a unificação ibérica em 1580. A partir da segunda metade do século XIX, verificamos a intensificação desse processo, até o

⁴⁷ *MPBC*, p. 83.

⁴⁸ *MPBC*, p. 29.

⁴⁹ *MPBC*, p. 29.

país atingir quase o obscurantismo diante dos demais países europeus. A antes poderosa península ibérica apresentava-se assim como a espanhola de Machado de Assis⁵⁰.

Obviamente reconhecemos as falhas de nossa pequena análise, como preferimos definir este texto. Não nos debruçamos como deveríamos sobre a questão biográfica do autor, visto que Machado de Assis além de filho de mãe portuguesa era também casado com uma portuguesa. Mas nosso principal objetivo, acreditamos ter cumprido, ou seja, analisar a lusofobia através da fonte literária. Como tratamos no início da análise, tal sentimento foi fomentado pelo aumento no fluxo de imigração portuguesa após a lei Eusébio de Queiroz, que colocou um termo ao infame comércio. Tal aumento da população portuguesa aumentou em igual proporção a hostilidade popular e das elites intelectualizadas do período em relação ao imigrante lusitano. Não podemos em nenhuma hipótese afirmar que Machado compartilhava de iguais aspirações xenófobas, visto, como observamos acima em sua biografia, mas como historiador que era não deixou de registrar este fenômeno social de seu tempo. Há ainda muito a ser dito sobre o Rio de Janeiro lusófono de Machado de Assis.

Lilia Moritz Schwarcz, a exemplo do que afirmamos, utiliza um capítulo do romance *Dom Casmurro* intitulado “O Imperador”, onde a personagem Bentinho imagina-se intercedendo junto a D. Pedro II, para que ele convença sua mãe a não fazê-lo padre, para “refletir sobre as múltiplas maneiras e mecanismo como se constrói a imagem pública da realeza e, por outro lado, para perceber suas formas de penetração, enraizamento e recepção⁵¹”. Note-se que nesta análise a autora identificou, nas entrelinhas do capítulo uma carga considerável de significações que, por sua vez, conseguem desvendar aspectos sociais e culturais que revelam mecanismos do imaginário coletivo. Foi a busca de compreensão desses mecanismos nossa principal preocupação.

⁵⁰ Talvez em outras oportunidades, podemos analisar a obra de Eça de Queiroz e certamente identifica-lo como o maior escritor português do século XIX que documentou também em sua obra tal processo de decadência.

⁵¹ SCHWARCZ, 1998, p. 519.

Referências bibliográficas

ALENCASTRO, Luis Felipe de. **O trato dos viventes**: a formação do Brasil no Atlântico sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Égeria, 1978.

BASE - BIBLIOTECA de auxílio ao sistema educacional. São Paulo: Iracema, 1994. 11v.

CANO, Jefferson. Machado de Assis, historiador. In: CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org). **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHALHOUB, Sidney. Diálogos políticos em Machado de Assis. In: CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org). **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org). **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

DIAS, Maria Odila da Silva. **O fardo do homem branco**: Southey, historiador do Brasil. São Paulo: Ed. Nacional, 1974.

FACIOLLI, Valentim. **Um defunto estrambótico**: análise e interpretação das Memórias póstumas de Brás Cubas. São Paulo: Nankin, 2002.

GLEDSON, John. **Machado de Assis**: ficção e história. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

IGLESIAS, Francisco. **Os historiadores do Brasil**: capítulos de historiografia brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Belo Horizonte: UFMG, IPEA, 2000.

JOBIM, José Luís (org). **A biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: ABL; Topbooks, 2001.

MASSA, Jena-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís (org). **A biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: ABL; Topbooks, 2001.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

SOUZA, Iara Lis Carvalho. **Pátria Coroada**: o Brasil como corpo político autônomo 1780-1831. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

VITORINO, Artur J. R. Escravidão, proletários e a greve dos compositores tipográficos de 1858 no Rio de Janeiro. **Cadernos AEL**: Sociedades Operárias e Mutualismo. Campinas: UNICAMP / IFCH, v.6, n. 10/11, 1999.

VITORINO, Artur J. R. **Cercamento à brasileira**: conformação do mercado de trabalho livre no Corte nas décadas de 1850 a 1880, 2002. 198 f. Tese. (Doutorado em História Social – História Social do Trabalho) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2002.

